

RACHEL DE QUEIROZ: UM INSTRUMENTO RELIGIOSO DA POPULAÇÃO MARGINALIZADA OU UM MEIO DE COMUNICAÇÃO EM UMA SOCIEDADE PATRIARCAL?

Verônica Lucy Coutinho Lage (UFJF)

Artigo recebido em: 11/11/2009
Aceito para publicação: 21/12/2009

RESUMO

O diálogo teórico-crítico com a proposta estética de Rachel de Queiroz procura revelar e compreender as relações existentes fora daquelas consideradas como padrões, apresentadas de través de outras vozes, com ênfase na feminina.

Palavras-chave: Proposta Estética. Alteridade. Feminino. Identidade.

ABSTRACT

The theoretical studies and critique with Rachel de Queiroz's aesthetic proposal aims at putting into relief the existing relationships out of the so-called canonical voices, revealing other ones, specially the feminine one.

Keywords: Aesthetic Proposal. Otherness. Feminine. Identity.

A fragilidade do valor e da heterogeneidade contemporâneos, apontados como fatores de encontro ao pretensão entendimento de estética, a partir do século VIII, como sendo o estudo do belo e da arte pretendida como universal e abstrata, colocam-se, entre outros, aberturas para críticas a tal pretensão. Queremos ressaltar nesse momento não exatamente as razões de ordem econômica, sócio-histórica e política que atacaram tal pretensão, mas principalmente ressaltar a estética como uma possibilidade de existência, práticas do sujeito, ou seja, uma questão de como intervir no mundo, uma questão ética.

Falar de Rachel de Queiroz (brasileira-nordestina) é trazer à tona uma voz dramática que projeta um pensamento, uma ideologia, uma maneira de sentir o mundo; uma voz incansável inserida tanto na história sócio-política, quanto nas novas perspectivas dentro das narrativas e contos latino-americanos, mas que lançaria seu primeiro romance **Caetés** em 1933 e mais tarde, já consagrado, **Vidas secas** (1938).

Uma possível resposta poderia vir do próprio Graciliano Ramos quando ao terminar de ler o romance **O quinze** afirma por volta de 1930 **“É homem”** (CADERNOS ..., 2002), conclusão criticada por ele mesmo anos mais tarde quando diz: “Durante muito tempo, ficou-me a ideia idiota de que ela era homem, tão forte estava em mim o preconceito que excluía as mulheres da literatura.” (CADERNOS ..., 2002).

Sim, era verdade! O livro de pouco mais de cem páginas era de autoria feminina, publicado e lançado em Fortaleza através de um empréstimo feito com seus pais, incentivadores de seus escritos. Não satisfeita com as críticas jornalísticas cearenses, resolve enviá-lo para o Rio de Janeiro e São Paulo, tendo sido elogiado tanto por Mário de Andrade como por Augusto Frederico Schmidt que fez o seguinte comentário do livro de Rachel: “Não é o primeiro livro, decerto, que trata do assunto (seca), porém em nenhum outro encontrei tanta emoção, tão pungente e amarga tristeza” (CADERNOS ..., 2002).

Os depoimentos feitos até aqui já seriam suficientes para inúmeras considerações, ou melhor, conclusões. De Graciliano Ramos, duas pelo menos são incontestáveis: o forte preconceito que havia em relação à escrita feminina, que era ignorada ou simplesmente excluía do meio literário, altamente centralizador e de cultura masculina; e a força e o engamento da escrita de Queiroz, a denúncia do desacaso em relação ao nordeste, e

uma linguagem que vem marcar as peculiaridades e identidade da região nordestina com uma proposta estética de uma intelectual consciente daquilo que propõe.

Dentro desta discussão sobre a posição do intelectual, volto-me a Hall e aos seus estudos e análises de Gramsci sobre a questão do “intelectual orgânico” e a exigência de como seria sua atuação de trabalho. Esta atuação teria que estar simultaneamente em duas frentes: uma seria a de se colocar na vanguarda do intelectual tradicional, pois,

[...] segundo Gramsci, é dever dos intelectuais orgânicos ter conhecimentos superiores aos dos intelectuais tradicionais: conhecimentos verdadeiros, não apenas para fingir que se sabe, não apenas ter a facilidade do conhecimento, mas conhecer bem e profundamente.(...) Contudo, o segundo aspecto é igualmente crucial: o intelectual orgânico não pode subtrair-se da responsabilidade da transmissão dessas ideias, desse conhecimento, através da função intelectual, aos que não pertencem, profissionalmente, à classe intelectual. (HALL, 2009, p.194)

E é esse o compromisso que sentimos ter assumido Queiroz, a necessidade de trazer à tona outros questionamentos de ordem política, social e econômica em suas críticas, contos e romances que vão transportando barreiras, abrindo frentes e confrontando as verdades e mentiras de seu tempo. Seu olhar concentra-se na sua região de origem, o nordeste, destituída de qualquer atenção por parte do Brasil pós-colônia. A cada nova produção literária a escritora vai apontando a alteridade em relação a aspectos culturais de um Brasil que ainda não consegue se enxergar, com toda a sua pluralidade, para além do centro considerado detentor do desenvolvimento industrial e de produções artísticas e culturais: o eixo Rio- São Paulo- Belo Horizonte. Sua proposta estética nega-se em todos os gêneros por ela usados o limite, o preconceito, a mesmice, a repetição. Com a escritora nordestina, abre-se o campo de conhecimento, pois ao retratar com maior frequência e intensidade o local/ regional nordestino, traz reflexões e modificações quanto ao conceito de hábitos, comportamentos e modos de vida. Ao mesmo tempo, questiona e sacode o conceito de identidade - ora, o Brasil era também o nordeste com sua flora, fauna, alimentos agrícolas, mulher cangaceira, e

um folclórico incomparável!; de memória histórica, como ter sido o Ceará a primeira província a libertar os escravos no Brasil, de saber que havia nesta época muitas mulheres escrevendo e de se ter em Fortaleza um ambiente intelectual expressivo; na história e política, informações possíveis de serem obtidas através de suas razões para escolhas, abandonos políticos e seu grau de envolvimento e sua postura firme e delicadamente obstinada contra a hegemonia literária e cultural - como não levar em conta a escrita feminina tão contundente e viva, denúncia contra o descaso com o Nordeste e sua atuação marcante nos assuntos nacionais, permite que diversas vozes e manifestações se apresentem. Assim, seu olhar também se caracteriza por refletir esta marginalidade, essa desigualdade.

Os recursos para atingir seus objetivos são muitos e diversos, mas todos bem marcados por um discurso e por uma linguagem que remetem imediatamente à aridez, aspereza e desolamento da região nordeste, porém e ao mesmo tempo, traz à tona uma maneira toda própria de ser, de viver e sentir o mundo.

Nesse ponto, há aspectos relevantes da biografia de Rachel que podem muito bem explicar essa escritora que consolidou, literariamente, a figura da sertaneja e, com certeza, desde **O quinze** (1930) e toda sua obra posterior, mudou para sempre a literatura brasileira.

AS INFLUÊNCIAS NA FORMAÇÃO DE UMA INTELCTUAL

Na tentativa de uma breve trajetória de sua vida, nos baseando nas informações contidas no **Cadernos de Literatura Brasileira**, poderíamos começar dizendo que Rachel de Queiroz foi a primeira filha, do total de cinco filhos, do casal Clotilde Franklin e Daniel de Queiroz, nascida em 17 de novembro do mesmo ano em Fortaleza. Seu nome foi uma homenagem à avó paterna, e da bisavó materna, Dona Miliquinha, obteve a concessão de morar na casa que lhe pertencia. Dona Miliquinha era prima do também cearense, José de Alencar, e foi uma das primeiras pessoas a conhecer **O guarani** que ele lia para os familiares. Após 45 dias de nascida, os Queiroz voltam para Quixadá, a 170 quilômetros de Fortaleza, uma vez que seu pai

passa a exercer o cargo de Juiz de Direitos. Entre temporadas na cidade e na propriedade da família, a Fazenda do Junco, essa será a vida de Rachel até os seus três anos.

Em 1913, seu pai é nomeado para o cargo de promotor em Fortaleza e a família se muda novamente. Um ano após de atuação, seu pai pede demissão e começa a lecionar Geografia no colégio Liceu até 1915. Ainda morando em Fortaleza, no Bairro Alagadiço, a família sofre os horrores da seca, experiência que se tornará fundamental para a tessitura da narrativa d' **O quinze**. É durante esse período que Rachel terá a presença constante do pai, pois, com mais tempo para a família, ele decide cuidar pessoalmente da formação de sua filha, ensinando-a a ler, nadar e montar a cavalo, entre outras. A definição do ambiente familiar nas palavras de Rachel pode ser assim resumida:

Eu nasci numa casa de intelectual, onde todo mundo lia muito. E, por isso, naturalmente, eu comecei a ler também. [...] Quando comecei a escrever em jornal, aos 16 anos de idade, eu já tinha uma enorme familiaridade com esse universo da literatura.

[...]

Na minha casa, como eu disse, só se lia coisa boa... Em casa todo mundo lia e opinava; eu não era uma exceção que por acaso tinha brotado no jardim.

(CADERNOS, ..., 2002, p. 22)

O ano de 1917 será marcado pela mudança para o Rio de Janeiro, e, em novembro, para Belém. Depois de dois anos, a família muda-se de novo para o Ceará, primeiro para Guaramiranga e depois para Quixadá, fixando-se até 1935. Durante esse tempo, Rachel começa seus estudos em colégio de freiras francesas, depois que sua avó paterna concluiu, após conversa com Rachel, que sua formação religiosa era quase nenhuma, obrigando seu filho a matriculá-la no Colégio Imaculada Conceição. Possuidora de um bom conhecimento geral, Rachel conclui o curso normal em 1925, mas sua formação pára por aí, já que, conforme a própria escritora afirma em entrevista concedida aos **Cadernos de Literatura Brasileira**: “minha família era muito pouco devotada à educação formal.” (CADERNOS ..., 2002, p.25). Ao voltar para a fazenda em Quixadá, Rachel dedica-se em um ritmo intenso à leituras

de diversos autores brasileiros e franceses, além dos considerados clássicos como Zola, Balzac entre outros, orientada pela sua sempre atualizada mãe em relação aos lançamentos literários. Estimulada pelas leituras, inicia seus primeiros escritos, sem, no entanto, mostrá-los a ninguém.

A partir de 1927, usando pseudônimo de uma tal de Rachel, começa sua carreira de jornalista com uma carta enviada para o jornal **O Ceará** ironizando o concurso “Rainha dos Estudantes” promovido pelo mesmo. O diretor do jornal gosta da carta e, sendo amigo de seu pai, convida-a para colaborar com o jornal.

Sem entrar em maiores detalhes, os Queiroz mudam-se de novo para a capital e a sua participação n’**O Ceará** torna-se constante. A escritora publica o folhetim **História de um nome**, e organiza a página de literatura do jornal.

Em 1930, acometida por uma congestão pulmonar, a suspeita de tuberculose obriga-a a um severo tratamento e muito repouso. Foi nessa época que decidiu escrever um livro que falasse da seca, “não como paisagem, mas sim como personagem” segundo o crítico Cony. (2002, p.15). Escreve-o à luz de lampião, no silêncio da alta noite em um caderno. Depois de pronto, mostra-o para os pais que decidem emprestar-lhe a quantia, dois contos de reis, para a publicação da obra. O romance é impresso pelo Estabelecimento Graphico Urânia e publicado em agosto, com uma tiragem de mil exemplares. Não satisfeita com as mornas críticas dos jornais cearenses, Rachel manda o livro para Rio de Janeiro e São Paulo, de onde recebe elogios tanto de Frederico Schmidt como de Mário de Andrade. **O quinze**, título dado por Rachel bem à moda nordestina, no masculino e já referindo-se à seca daquele ano, projeta a escritora como uma personalidade literária. Em 1931, recebe o prêmio de romance Graça Aranha.

Daí em diante não pára mais de escrever: romances, literatura infanto-juvenil, crônicas, peças teatrais, folhetins, biografias e memórias, além de inúmeras traduções feitas de escritores ingleses, alemães, franceses entre outros. Teve também várias de suas produções literárias traduzidas para o inglês, francês, alemão, japonês, além de inúmeras críticas de praticamente toda sua produção artística em todos os gêneros experimentados.

SUAS ESCOLHAS E CONVICÇÕES

Vale a pena destacar ainda suas convicções políticas e seu engajamento como integrante dos partidos políticos. Sua casa sempre fora local de reuniões de militantes que se colocassem contra qualquer forma de governo opressor, daí a principal razão de ter se envolvido tanto com o Partido Comunista, quanto com os governos militares até a saída de Castelo Branco. Essas relações foram feitas, desfeitas e feitas de novo de maneira a parecer bem conflitantes, mas ao nos informarmos pela própria ativista as razões para suas tomadas de decisões, podemos compreender sua militância. Algumas dessas decisões podem ser entendidas acompanhando um pouco dessa trajetória.

Começemos dizendo que depois de travar contatos com membros do Partido Comunista em 1931, a escritora volta a Fortaleza e ajuda a fundar o PC cearense.

Em 1932, casa-se com o poeta José Auto da Cruz Oliveira. Nesse mesmo ano é fichada pela polícia de Pernambuco como agitadora comunista. Já com seu segundo romance pronto, **João Miguel**, recebe um aviso do PC no sentido de submetê-lo a um comitê antes da publicação. Poucos dias depois, convocada para uma reunião, é informada de que seu livro não fora aprovado pelo PC com seguinte justificativa: um operário mata o outro. Rachel finge concordar, pega seus originais, foge do local rapidamente, depois de dizer, segundo a própria escritora, que não havia no Partido autoridade que pudesse censurar sua obra. Publica sua obra mesmo assim pela Editora Schmidt do Rio e rompe com o PC. Muda-se para São Paulo e faz contatos com o grupo trotskita, onde as reuniões aconteciam, e permanece ligada ao grupo até 1940 quando, ao saber a notícia de que, por ordem de Stalin, uma picareta de quebrar gelo esmigalhara o crânio de Trotski, afasta-a da esquerda para sempre (CADERNOS ..., 2002, P.26-29). Segundo a escritora, depois de Castelo Branco, nunca mais militou em favor dos militares.

OUTRAS ATIVIDADES

Finalizamos nosso propósito de falar, mesmo que resumidamente, sobre Rachel de Queiroz, sempre procurando entender cada vez mais as razões para uma escritora ímpar, transparente, fiel às suas convicções, destemida e indubitavelmente uma inovadora no campo da Literatura, tanto nacional como internacional.

Como pode ser observado até aqui, Rachel sempre fez questão de lutar e empenhar-se abertamente por causas nobres. Quando não achava que as ideias e ações estavam indo pelo caminho certo, muito simplesmente e de maneira determinada, abandonava a causa e partia para outra militância que lhe parecesse sólida e convincente. Um exemplo foi seu envolvimento com a campanha, em raros momentos de sua vida, para conseguir oficializar o Parque Nacional do Serrotinho do Quixadá. Nota-se aqui tanto a nordestina de coração, aquela pessoa que defende sua identidade local, como a “intelectual orgânica”, quando afirma:

[...] É preciso preservar aquela paisagem de morros de pedra. Aliás, Quixadá, na língua dos indígenas da região, quer dizer ‘curral de pedra’. A cidade é toda cercada mesmo por aqueles monólitos, que eles chamam de monólitos. Acho aquilo belíssimo, por isso chamei atenção para a paisagem na hora de escrever e agora estou tentando obter uma proteção oficial. (Cadernos..., 2002, p.33, grifos nossos)

Rachel teve uma única filha de seu primeiro casamento, Clotilde, que morre aos 18 meses vítima de septicemia. Separa de seu primeiro marido em 1939. Um ano mais tarde, conhece através do escritor e médico Pedro Nava, Oyama de Macedo, também médico, com quem passa a viver até a morte dele em 1982.

Entre todas as atividades que exerceu, aquela que lhe dava mais prazer e que considerava ter nascido para exercê-la foi a de jornalista. Em 1944 passa de colaboradora do **Correio da Manhã**, **O Jornal** e **Diário da Tarde** para cronista exclusiva da revista **O Cruzeiro** até 1975 e, através da qual, escreve seu folhetim **O galo de ouro**, em quarenta edições da revista.

Ganha diversos prêmios, muitas de suas obras foram adaptadas para

cinema, TV, documentários e peças teatrais representadas em vários teatros brasileiros. Morre em 2006.

PROPOSTA ESTÉTICA INOVADORA E TRANSFORMADORA

A leitura da obra de Rachel nos traz uma narrativa que, naturalmente e não poderia ser diferente, revela muito das considerações feitas até aqui: a forte personalidade de uma escritora que está convicta e sabe o que quer falar. À exceção de suas crônicas que retratam mais seu lado carioca de ser, e o romance **O galo de ouro** ter seu cenário na Ilha do Governador, Rachel, na maioria das vezes em sua produção literária, desnuda a região nordestina com suas peculiaridades. Ciente de ser a linguagem o meio expressivo mais direto e transparente de retratar e caracterizar a realidade de sua região, sua proposta estética reflete seu estilo marcante e inconfundível.

Na tentativa de ilustrar a importância de sua proposta literária, e sendo impossível a análise de toda ela, utilizamos como objeto de análise os contos, “O amistoso Tangerine Girl” e “A beata do Egito”, cada um com seu tema diferente, porém todos com o mesmo fio condutor, o jeito nordestino e a região nordestina, ocupando o papel de personagem também.

Começamos pelo “O amistoso”. Na realidade, uma crônica. Se nos atemos no formato desse pequeno conto por alguns minutos antes de sua leitura, percebemos a sutileza da escolha feita pela escritora para a tessitura da narrativa. À semelhança da transmissão de uma partida de futebol, fica evidente a divisão narrativa/textual normalmente apresentada seja pelo rádio, seja pela TV. A primeira parte da narrativa corresponderia aos comentários sobre a torcida e sua diversificada e criativa maneira de participação, as condições da partida, da chegada dos jogadores, da posição e situação dos times em campeonatos, das condições do campo, do clima, da bilheteria e das expectativas para tal partida, exemplificada pelos seguintes trechos:

Os visitantes ou adversários, convidados para aquela partida amistosa do chamado bretão, chegaram festivamente num caminhão ornado de arcos e guirlandas. Sim, no começo tudo são flores. Flores e palmas, discursos, garrafas de cerveja, e os cartola.....

[....]

Não havendo no campo instalações de vestiário, os craques descem do carro já devidamente uniformizados----camisa de azul-turquesa, meias e chuteiras, sim, chuteiras regulamentares, que isso é jogo de fato e não pelada de moleques.....

[.....]

Naquele dia, felizmente, era apenas lama, e pouca. E sob os aplausos da assistência, tanto mais animada porque gratuita (ainda é um problema a resolver, esse da assistência em campo aberto, sem possibilidades de bilheteria). Juiz, jogadores, cartolas, reúnem-se um pouco de lado,[.....];faz-se o toss,os visitantes pegam o lado sul que é melhor, o presidente dos locais dá graciosamente o primeiro chute. Começou a partida! (QUEIROZ, 2010a).

De maneira sucinta e em linguagem mesclada de discurso direto e indireto, os leitores são informados sobre tudo da partida. Vale observar o uso do termo inglês *toss* não só como demonstração da linguagem futebolística real e específica, como também como referência à origem do futebol na Inglaterra, muito provavelmente de conhecimento da maioria.

A segunda parte é na realidade a narração do primeiro tempo de uma partida de futebol através da apropriação da linguagem ainda mais específica, com todos os jogadores e seus apelidos já consagrados, e mesmo os menos conhecidos recebem uma explicação do narrador. Há também uma maior presença de termos estrangeiros como *foul*, *penalty*, e *hands*¹, visto que a contista não perdeu a oportunidade de escolher para sua história aquelas partidas conturbadas, que são a todo momento interrompidas ora por razões de regulamentos e regras do próprio jogo, ora por questões mais frequentes do interior nordestino, constatado nas passagens abaixo:

Xaveco, mulato, brevilineo de canelas arqueadas, revela imediatamente a sua classe de grande artilheiro;[.....] Outra grande figura em campo é o goleiro dos visitantes. E o jogo vai indo muito bem, bola para lá, bola para cá, passe, cabeçada, chute a gol, gol--não, gol não, passou por cima da trave. O couro vai para Bira, Bira perde para um galalau amarelo dos “estrangeiros”, o galalau perde para Zico, Zico para Lucas, que perde para o capitão dos visitantes, um louro de gorro de meia.[.....] , o juiz apita, os dois se agarram e por trás chega Bira, que é gordo e violento, e larga um

¹ Abro aqui um parêntese para o fenômeno de latinização da palavra *Foul* para falta e substituição do termo *hands* para mão, marcando assim a história e evolução da língua portuguesa do Brasil.

pontapé no terço inferior da coluna vertebral do louro. Fecha-se o tempo, o juiz apita, a assistência pula a cerca e invade o campo, o pau começa a comer, mormente nas costas dos forasteiros, o juiz retira-se e se encosta à cerca, aguardando aparentemente que os ânimos serenem. Quem interfere são os paredros, austeros e educados, [...] interpelam o juiz, que relutantemente volta ao seu posto, [...] O jogo recomeça.

Mas parece que o incidente estimulou os visitantes, que dão para jogar milhões. São uns húngaros. O time local perde terreno, [...] Xaveco já completamente louco lhe dá um tapa na cara, o juiz apita, uns gritam foul outros gritam penalty, e um engraçadinho diz que só foi hands, já que Xaveco apenas meteu a mão na lata do loureba. [...] E um torcedor local puxa o revólver, dizendo que aquele só se for passando por cima de seu cadáver. O juiz nessa altura se declara cheio com a partida e larga o apito ali mesmo. Um paredro fala que ele será expulso do quadro de árbitros e o juiz dá o troco, que quadro de árbitros uma ova. Mas um bandeirinha voluntário logo se apossa do apito, passa a dirigir o pessoal com surpreendente autoridade e, quando se vê, o jogo começa outra vez. Vai macio, vai de valsa, é um minueto, até que consultados os cronômetros verifica-se que acabou o primeiro half time, passando-se ao recesso para em seguida dar início ao... (QUEIROZ, 2010a).

A narração do primeiro tempo é um repertório repleto de inúmeras análises, desde a mescla das linguagens de narrador/locutor de futebol através das expressões específicas, até a mistura de discursos diretos e indiretos sem a tradicional pontuação de marcação que, no entanto, é naturalmente feita pelo leitor, a esta altura da narração, completamente integrado e interagindo com o desenrolar dos fatos, visto que todos eles são exemplos do que pode acontecer em uma partida de futebol. Os contratempos de partidas do interior nordestino também estão presentes, e são apresentados em linguagem tão real que o leitor se pega rindo das expressões e da baderna na qual a partida acabou se tornando. Confronta-a com a realidade e experiência uma cena ali imaginada em seus mínimos detalhes. Soma-se a tudo isso a ironia à moda machadiana em vários momentos como ser um amistoso com inúmeras brigas, a falta de estrutura básica, e mandos e desmandos, com destaque para a declaração do juiz para largar a partida.

E quando pensamos já termo-nos defrontado com uma narrativa surpreendente, somos arrebatados com a narração do segundo tempo. Avesa a repetições desnecessárias e sempre lançando mão de uma escrita sem rebuscamentos, Rachel resume o intervalo entre os dois tempos simplesmente dizendo “passando-se ao recesso”, por este guardar inúmeras semelhanças com os comentários antes da partida e durante o primeiro tempo. A inovação fica mesmo por conta da suspensão do uso da pontuação, para logo em seguida passar para o segundo tempo que não acontece devido a uma razão inusitada e totalmente dentro do campo do fictício-imaginário: a prisão do jogador Bira por ter engravidado uma certa donzela e de ter se escondido para não ter que assumir a paternidade. Porém, em virtude de ser o craque do time e dos apelos da torcida para aquele amistoso importantíssimo, só agora aparecia em público. A polícia aproveita-se da ocasião e dá-lhe voz de prisão, dizendo “esteje preso”. Novamente, presença do humor através da ironia, já que se espera de uma autoridade que pelo menos saiba se expressar corretamente em situações de sua competência e de agir em favor da manutenção da ordem.

A finalização do conto é igualmente brilhante, pois parece querer de nós a reflexão de tudo que fora contado até então,

Os policiais largaram o preso e se meteram no conflito. E quando os de fora começavam a apanhar feio, o motorista deles teve uma ideia: encostou o caminhão bem perto e tocou a buzina. A turma entendeu logo (ou quem sabe já era manobra habitual em “amistosos”) e de um em um foram deslizando da briga e subindo para o carro. O que sei é que, quando os locais deram pela coisa, os inimigos já partiam numa nuvem de poeira, abandonando na pressa um de seus paredros, malferido com o sangue escorrendo do nariz e o belo terno roto.

Bira, igualmente, aproveitara a confusão para ir saindo de manso: agachado numa moita, lá em cima do morro, ficou a espiar o tintureiro chegar, encostar e, de um em um, recolher remanescente da refrega. E só saiu do esconderijo tarde fechada, quando no campo completamente deserto uma garça vinda do Jequiá sobrevoava o alagado bicando restos das flores do buquê ofertado pelos visitantes. (QUEIROZ, 2010a)

Jogo amistoso, comportamento da polícia, comportamentos humanos quem são os animais, intenções X realidade?

Bem, passemos para o segundo conto começa assim:

De princípio a interessou o nome da aeronave: não “zepelim” nem dirigível, ou qualquer outra coisa antiquada; o grande fuso de metal brilhante chamava-se modernissimamente blimp. Pequeno como um brinquedo, independente, amável. A algumas centenas de metros da sua casa ficava a base aérea dos soldados americanos e o poste de amarração dos dirigíveis. E de vez em quando eles deixavam o poste e davam uma volta, como pássaros mansos que abandonassem o poleiro num ensaio de vôo. Assim, de começo, aos olhos da menina, o blimp existia como uma coisa em si — como um animal de vida própria; fascinava-a como prodígio mecânico que era, e principalmente ela o achava lindo, todo feito de prata, igual a uma jóia, livrando-se majestosamente pouco abaixo das nuvens. De princípio a interessou o nome da aeronave: não “zepelim” nem dirigível, ou qualquer outra coisa antiquada; o grande fuso de metal brilhante chamava-se modernissimamente blimp. (QUEIROZ, 2010b).

É a partir daí que a trama tem seu início, em um jogo de verossimilhança, a escritora vai tecendo sua narrativa em uma mescla de elementos do imaginário, do fictício e do real.

Logo no início da narrativa, podemos perceber a preocupação da contista em envolver seu leitor/a, e com isso garantir a interação não só com os personagens e seus modos de vida, de pensamentos e hábitos, como também suas escolhas e destinos na vida. O cenário é aquele do nordeste, árido, seco, sem muitos atrativos, de pessoas que levam uma vida simples e de pouco ou quase nenhum recurso, que planta e colhe para viver, e muito raramente algo diferente acontece trazendo um pouco de esperança e alegria. A história continua e como um passe de mágica, ocorre o primeiro contato com a tripulação do dirigível, quando o soldado que ali já passara por inúmeras vezes, jamais havia notado naquela garota que, embora não conseguisse precisar sua aparência, parecia-lhe uma bela moça no meio daquele laranjal. O episódio é narrado assim:

O seu primeiro contato com a tripulação do dirigível começou de maneira puramente ocasional. Acabara o café da manhã; a menina tirara a mesa e fora à porta que dá para o laranjal, sacudir da toalha as migalhas de pão. Lá de cima um tripulante avistou aquele pano branco tremulando entre as árvores espalhadas e a areia, e o seu coração solitário comoveu-se. Vivia naquela base como um frade no seu convento — sozinho entre soldados e exortações patrióticas. E ali estava, juntinho ao oitão da casa de telhado vermelho, sacudindo um pano entre a mancha verde das laranjeiras, uma mocinha de cabelo ruivo. (QUEIROZ, 2010b).

E assim a narrativa vai sendo tecida, sempre com a presença do inesperado, até que seu desfecho aconteça, sempre marcada por uma linguagem ao mesmo tempo enxuta, direta e sem ornamentos, porém entremeada de momentos de delicadeza e de esperança.

A essa altura do conto, os leitores são surpreendidos com o inesperado novamente: um encontro marcado através de um bilhete por um dos soldados com a moça que, por viver em meio a um laranjal, lhe deram o nome de Tangerine girl.

Não sei por que custou tanto a ocorrer aos rapazes a idéia de atirar um bilhete. Talvez pensassem que ela não os entenderia. Já fazia mais de um mês que sobrevoavam a casa, quando afinal o primeiro bilhete caiu; fora escrito sobre uma cara rosada de rapariga na capa de uma revista: laboriosamente, em letras de imprensa, com os rudimentos de português que haviam aprendido da boca das pequenas, na cidade: “Dear Tangerine-Girl. Please você vem hoje (today) base X. Dancing, show. Oito horas P.M.” E no outro ângulo da revista, em enormes letras, o “Amigo”, que é a palavra de passe dos americanos entre nós.

A pequena não atinou bem com aquele “Tangerine-Girl”. Seria ela? Sim, decerto... e aceitou o apelido, como uma lisonja. (QUEIROZ, 2010b).

Sim, isso mesmo um dos soldados, um dado real na história do mundo das tripulações em guerra: o revezamento dos soldados nas tripulações, jamais pensado ou imaginado por aquela jovem em um mundo tão distante.

Chega o grande dia, a moça se prepara com toda a sua dedicação e ingenuidade para o encontro com aquele que por muitas vezes ela pensou ser

um príncipe encantado e qual não foi sua decepção, ao invés de um, surgia na estrada um grupo deles em grande algazarra. E o conto termina,

Que vergonha, meu Deus! Dera adeus a tanta gente; traída por uma aparência enganosa, mandara diariamente a tantos rapazes diversos as mais doces mensagens do seu coração, e no sorriso deles, nas palavras cordiais que dirigiam à namorada coletiva, à pequena Tangerine-Girl, que já era uma instituição da base — só viu escárnio, familiaridade insolente... Decerto pensavam que ela era também uma dessas pequenas que namoram os marinheiros de passagem, quem quer que seja... decerto pensavam... Meu Deus do Céu!

Os moços, por causa da meia-escuridão, ou porque não cuidavam naquelas nuances psicológicas, não atentaram na expressão de mágoa e susto que confrangia o rostinho redondo da amiguinha. E, quando um deles, curvando-se, lhe ofereceu o braço, viu-a com surpresa recuar, balbuciando timidamente:

— Desculpem... houve engano... um engano...

E os rapazes compreenderam ainda menos quando a viram fugir, a princípio lentamente, depois numa carreira cega. Nem desconfiaram que ela fugira a trancar-se no quarto e, mordendo o travesseiro, chorou as lágrimas mais amargas e mais quentes que tinha nos olhos. Nunca mais a viram no laranjal; embora insistissem em atirar presentes, viam que eles ficavam no chão, esquecidos — ou às vezes eram apanhados pelos moleques do sítio. ((QUEIROZ, 2010b).

Diferentemente da moça do conto anterior, “Tangerine girl” é o exemplo da “mulher nordestina” que não se deixa levar pelas condições precárias e pobres de vida, tornando seu corpo um meio de prazer e abuso sexual como era natural em se tratando de soldados em tempos de guerra. Ela se recusa a fazer aquilo que para ela se apresenta como uma distorção de sentimentos nobres como o amor verdadeiro, a moral e ética do comportamento de um homem de verdade. “Tangerine girl” pode ser analisado como trazendo duas perspectivas: a proposta de conduta e condição feminina no mundo de poder opinar de acordo com suas convicções e agir conforme seus preceitos; e o paradoxo de dois mundos equidistantes: de um lado, a industrialização, o progresso, a internacionalização da economia, as influências de um mundo capitalista, perverso e imoral; de outro, a simplicidade, a economia agrária sem infra-estrutura, a inocência e moralidade

em um mundo completamente abandonado e quase que desconhecido até mesmo para seu próprio país.

Nosso último objeto de análise é **A beata Maria do Egito**, peça teatral por Rachel depois de confessar ter sua estória baseada em uma lenda cristã – Santa Maria Egípcíaca – que sempre lhe invocara e que, depois de ter sido feita balada por Manoel Bandeira, lhe aguçaram e a fascinaram tanto que se sentiu impelida a escrever.

Segundo registros históricos, a partir de 1900, ocorre, no Brasil político-religioso, o que se denominou “ciclo do cangaço”. Na região cearense, cenário da peça de Rachel, a presença de Padre Cícero (Padim Ciço) significava ações, milagres e misticismo, tornando-se a figura mítica e religiosa de maior expressão e intensa influência entre 1911-1915, sendo até hoje motivo de peregrinações e adoração no Ceará.

Nesse sentido, a obra traz reflexões em todas esferas: social, política, religiosa, ética pública e privada. Nosso foco específico aqui será exatamente na mulher construída por Rachel: ela será a Beata, temente a Deus e devota de Padim Ciço, pertencente ao grupo dos penitentes da região. Esses grupos formados pela população marginalizada tinham por objetivos os preceitos e ensinamentos de Padre Cícero, já líder religioso e com inúmeros seguidores. Rachel na construção da sua Beata vai desconstruindo e rompendo com a tradição masculina, até mesmo no contexto religioso, já que, a escritora escolhe a figura feminina para líder de um dos grupos fieis ao Padim Ciço. Será também feita como recusada ao nascer para que possa iniciar uma genealogia, a das mulheres sem os laços familiares e, portanto, sem as obrigações tradicionais. Nem tampouco será freira, vai se juntar ao grupo dos penitentes da Serra da Mombaça e responsáveis pela sua criação, sendo dotada de habilidades comparadas aos de líderes masculinos, sem, no entanto, perder suas características femininas. Sua estirpe será a da mulher que possui discurso articulado às questões sócio-político econômicas de sua região, que rompe com a ideologia dominante patriarcal, e que também aprende a usar seu corpo como instrumento de valor de troca para conseguir seus propósitos, sem os tabus impostos pela sociedade, sem a culpa da perda da virgindade. Por isso também, não será a imagem da Virgem Santa, branca, fonte de pureza e virtudes estabelecidas socialmente, mas, sim, a mestiça afrodisíaca, com poderes sedutores mágicos e sexualmente livre, e plena de virtudes da justiça, do amor ao próximo, das causas nobres.

Inúmeros são os exemplos na peça de apenas um cenário, três atos e quatro quadros. Resumidamente, a história se passa dentro de uma sala de Delegacia de Polícia de uma pequena cidade do Nordeste onde estão o Tenente Delegado e o cabo Lucas, conversando e elaborando os planos para a prisão de Padre Cícero. Acusado de difamar o governo, instigando o povo contra as políticas e ordens da capital, e formar verdadeiros “exércitos” na luta contra as injustiças sociais, acaba por ter na Beata uma de suas líderes mais impecáveis e defensora implacável de suas causas. Com o firme propósito de proteger à ameaçada Juazeiro, a Beata e seus seguidores intencionam seguir sua caminhada, após conseguirem mantimento e munição no comércio da cidade para o intento. Os diálogos entre o Tenente , o cabo Lucas , e um pouco adiante, o Coronel Lopes se tornam verdadeiras fontes de informações históricas sobre o contexto sócio-político e econômico vigente no Brasil. Em uma mistura de ficção e realidade, de revolta e prazer, a autora vai desenhando o cenário no qual passamos a interagir, dada a linguagem e tessitura dos fatos narrados, até chegarmos ao momento no qual a Beata, intimada, chega a Delegacia. A conversa começa com um tom ameno, passa a um verdadeiro interrogatório respondido de maneira tão articulada e arrebatadora, através de alusões históricas e bíblicas, que o Tenente começa não só se perder em seus argumentos como a se sentir seduzido por tamanha determinação, convicção, sem contar os gestos, falas e olhares, para ele, sedutores. Vencido pelas réplicas totalmente bem fundamentas, a Beata é presa e permanece na cadeia por três dias. Porém, no segundo dia acontece o encontro amoroso que, para o tenente já completamente seduzido e louco de paixão, teria sido o desfecho do impasse, fosse a Beata do Egito quem ele havia pensado ser. No dia seguinte, após o envolvimento, a Beata lhe pede pela milésima vez que a solte para que nada de pior aconteça “[...] não é praga. É aviso. Não brinque com os poderes de Deus”. (QUEIROZ,1996, p.40). O Tenente se surpreende pelo comportamento tão indiferente da Beata, e depois de muito tentar convencê-la de seu suposto amor eterno e a possibilidade de viverem juntos, desiste quando ela lhe diz:

Beata: Amor! Tenente, parece que se esqueceu de quem eu sou.
(Abre os braços.)

- Olhe esta roupa, esta cruz, esta magreza de jejum!

Tenente (obstinado): Mas você consentiu, esta noite. Deixou, não me empurrou, não gritou. Ficou tão mansa! Eu não agarrei você à

força, se lembra ?

Beata: Eu estava rezando. Pedindo força aos meus santos para aturar tudo e não sentir nada. Se esse era o preço que tinha de pagar para cumprir a minha missão, pois bem, pagava. Sem medos e sem gritos. Você mesmo está dizendo. Você mesmo é testemunha! Não dei uma palavra, um suspiro, suportei tudo.[...]

Beata (liberta o braço): Eu não enganei ninguém. Não disse nada que o iludisse. Pensei que estava entendido: eu fechava os olhos, consentia no que você quisesse---fosse o que fosse—em paga, você me dava a liberdade. (QUEIROZ,1996, p.55).

O Tenente atordoado não conseguia entender aquela situação inusitada e começa a chamá-la de louca, de ironizar sua origem. Ela lhe pede para pagar a promessa feita, mas ele se nega. Então, ela diz que não poderia fazer mais nada. Que ele se preparasse para o porvir. Mais tarde, a Delegacia é cercada pelos membros do grupo penitentes, e começam a se organizar para arrombar as portas que foram trancadas. Como não há acordo entre as partes, os seguidores começam a atirar e exigir a soltura da Beata.. O Cabo Lucas lhe implora que a solte, mas o Tenente não o escuta. A Beata grita para que façam mais força para abrir. O Tenente pula para onde ela está, agarra-lhe pelo pescoço, ameaçando-lhes matá-la. Ela grita para que lhe acudam, o barulho cessa, mas é o cabo Lucas que irá de encontro ao Tenente, segurando-lhe o braço e dizendo se tratar de uma Santa, sempre vista por ele dessa forma. A Beata se aproveita da situação e se liberta, as estacas e trancas começam a se movimentar novamente, enquanto os dois homens, Tenente e Cabo Lucas se agarram pelo chão, até que o Cabo Lucas faz um movimento e arranca o revólver das mãos do Tenente que nesse momento se encontrava de frente para a Beata. Eles rolam de novo, até que o Cabo tira uma faca de sua cintura e fere o tenente por duas vezes. O desfecho do último ato acontece quando:

([...] A Beata como que desperta à pancada, dá um passo, quase tropeça com os dois corpos—O tenente morto, no chão, o Cabo de joelhos, chorando sobre ele. Alcança a porta, segura a tranca, grita.)

Beata: Esperem! Eu vou abrir!(As pancadas cessam. Penosamente, a mulher consegue levantar a pesada tranca, sobre a porta empenada, da qual já saltaram estilhas. Com as mãos ambas escancara as duas folhas, e ouve-se uma exclamação de triunfo do povaréu, lá fora. E

logo a voz da Beata se ergue no ar, muito clara.)
-Glória a Deus!
Pano. (QUEIROZ, 1996, p.67).

Para além da escrita peculiar e inconfundível, destacamos sua consciência e postura diante do seu contexto histórico-político e social : àquelas de uma verdadeira intelectual que sabe que tem um papel a desempenhar, uma função de transmissora de novas ideias e pensares de horizontes mais amplos e diversificados.

REFERÊNCIAS

CADERNOS DE LITERATURA BRASILEIRA. Rio de Janeiro, Instituto Moreira Salles, 2002.

CANDIDO, Antonio. **Na sala de aula**: caderno de análise literária. São Paulo: Ática, 1999.

CONY, H. Confluências: dois encontros exemplares. **Cadernos de literatura brasileira**. Rio de Janeiro, 2002, p.15.

HALL, Stuart. Estudos culturais e seu legado teórico. In: **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: UFMG, 2009. p.187- 294 .

QUEIROZ, Rachel de. A beata Maria do Egito. In: RAVETTI, G.; Rojo, S. **Antologia bilíngue de dramaturgia de mulheres latino-americanas**. Belo Horizonte: Armazém de Idéias, 1996.

_____. **O amistoso**. Disponível em: <<http://clubedoscantos.blogspot.com/2009/11/tangerine-girl-por-rachel-dequeiroz-html>> Acesso em: 21 nov. 2010a.

_____. **Tangerine girl**. Disponível em: <<http://clubedoscantos.blogspot.com/2009/11/tangerine-girl-por-rachel-dequeiroz-html>> Acesso em: 21 nov. 2010b.

SCHIMITZ, Rita Terezinha. Repensando a cultura, a literatura e o espaço da autoria feminina. In: **Gênero e literatura da America Latina**. Porto Alegre: UFRGS, 1995. p.182-189.